



PARAÍBA

OS PRINCÍPIOS ACIMA DAS PERSONALIDADES

A sentença “os *princípios acima das personalidades*” tem norteado nossa Irmandade desde quando as Doze Tradições foram forjadas, formuladas e publicadas pela primeira vez em 1946. E, como todos os Doze Passos, ela tem, também, se voltado contra os nossos instintos e anseios pessoais. É a frase que completa o resumo da nossa Décima Segunda Tradição que diz: “*O anonimato é o alicerce espiritual das nossas Tradições, lembrando-nos sempre da necessidade de colocar os princípios acima das personalidades*”. Essa observação final nos transporta a um profundo nível de amor, sacrifício, dedicação, renúncia e humildade ao próximo alcoólico sofredor e à sua família. Por isso foi escolhida para ser tema da nossa Conferência de Serviços Gerais.

O que vem a ser *princípios e personalidades*? Princípio vem do latim *principiu*. Segundo o dicionário, princípio quer dizer momento ou local ou trecho em que algo tem origem; começo; causa primária; elemento predominante na constituição de um corpo orgânico. Preceito, regra, lei. Base. Origem de algo, de uma ação ou de um conhecimento. Aquilo que serve de base, ainda que de modo provisório, e cuja verdade não é questionada. Personalidade vem, igualmente, do latim *personalitate* e, de acordo com o dicionário, quer dizer caráter ou qualidade do que é pessoal; pessoalidade. O que determina a

individualidade dum pessoa moral. O elemento estável da conduta de uma pessoa; sua maneira habitual de ser; aquilo que distingue de outra.

A respeito de princípio e personalidade de A. A. e em A. A., o livro *Na Opinião de Bill*, antes intitulado de *Modo de Vida de A. A.* e publicado em 1967, em sua primeira página destaca o seguinte: *“Com frequência se tem dito, a respeito de A. A., que somente estamos interessados no alcoolismo. Isso não é verdade. Temos que vencer a bebida para continuar vivos. Mas quem quer conheça a personalidade do alcoólico verdadeiro para completamente de beber sem sofrer uma profunda mudança de personalidade. Achávamos que as “circunstâncias” nos levaram a beber e, quando tentamos corrigir essas circunstâncias descobrimos que não poderíamos fazer isso à nossa própria maneira; nosso beber se descontrolou e nos tornamos alcoólicos. Nunca nos ocorreu que precisávamos nos modificar para nos ajustar às circunstâncias fossem elas quais fossem”*.

O fator responsável pelo nosso crescimento e pela nossa existência há quase 71 anos tem sido o anonimato. Esse conceito é vital para nossa Irmandade e por isso existem duas Tradições para garanti-lo. A Décima Primeira Tradição, que trata do nosso anonimato em nível pessoal na mídia, e a Décima Segunda Tradição, que trata do anonimato espiritual, do anonimato propriamente dito, cuja essência é o sacrifício, renúncia ao desejo de colocar a *personalidade acima dos princípios*. É isso que distingue a nossa Irmandade de tantas outras existentes no mundo.

Quando nos referimos a esse conceito, carece estabelecer a diferença entre *secreto* e *anônimo*. O primeiro é consequência de regulamentos, e o segundo é espontâneo. Um encoraja-nos a vaidade e outro resulta da aceitação. O primeiro esconde presunção, futilidade, ilusão e tolice e o segundo transpira humildade, sacrifício, renúncia em favor de outrem e desprendimento.

Parte do resumo do nosso Décimo Segundo Passo diz: *“... praticar estes princípios em todas as nossas atividades”*. No texto, propriamente dito, há alguns fragmentos que valem a pena ressaltar: *“Nessa altura, estamos experimentando o dar pelo dar, isto é, nada pedindo em troca (...)”*. *“A liderança autêntica é aquela que tem por base o exemplo construtivo e não as efêmeras exposições de poder e glória”*. Essas passagens nos levam a concluir que se espera de nós um comportamento anônimo também em nossa vida fora de A. A.

A respeito do anonimato, temos ouvido que é necessário preservar a confidencialidade do que ouvimos; não comentar depoimentos e desabafos; não mascarar as fofocas com a pretensão de ajudar aparentemente. Todavia, temos ouvido muito pouco do anonimato no que se refere aos nossos nomes ou nosso alcoolismo, o anonimato do nosso comportamento.

Às vezes dizemos coisas que disfarçadamente demonstram um comportamento um pouco humilde, pouco anônimo. Por exemplo: sem querer, nas entregas de fichas por tempo de sobriedade (aniversários) de companheiros, dizemos: “Eu assisti o seu ingresso”. Essa frase pode ser uma forma de dizer que “Eu estava aqui quando você chegou” e de lembrar que “Nós lembramos o dia de sua chegada”, todavia pode significar “Eu já estava aqui, você veio depois”. Mas também não podemos esquecer de ser gratos àqueles que fizeram o serviço, prepararam a reunião e nos receberam no dia que chegamos.

É natural não só reconhecermos no outro aquilo que conhecemos em nós. São atitudes que tomamos dentro do Grupo que nos diferenciam dos demais companheiros. Falarmos demais e, às vezes, baseados apenas em nossas razões, não queremos ouvir a razão de outro companheiro. Dizer em nossos depoimentos coisas irrelevantes para o compartilhar, mas que nos distinguem dos outros. Até nossa apresentação no início de um depoimento, dizendo outra coisa além de “Meu nome é X e eu sou um alcoólico”. Apontarmos o dedo em riste na cara do outro. Queremos fazer o inventário dos outros. Essas e outras são posturas que nos levam a colocar a *personalidade acima dos princípios*.

Às vezes, além de querer fazer o inventário de alguém em A. A., erguemo-nos como médico e juiz e tentamos fazer prognóstico, diagnóstico e julgá-lo na sua presença ou ausência, sem dar-lhe oportunidade de defesa. Esquecemos-nos do que diz a nossa Terceira Tradição: *“A experiência ensinou-nos que afinal que privar o alcoólico de uma plena oportunidade equivale por vezes a pronunciar a sua sentença de morte e, amiúde, a condená-lo a um estado de interminável miséria. Quem se atreveria a arvorar-se em juiz, júri e carrasco do seu irmão doente?”*.

Como membros e servidores ou não, de quando em vez, só nos lembramos dos inúmeros deveres que eles têm, esquecendo-nos do reduzido número de direitos que a eles são facultados, entre eles o de decisão, participação, minoria e apelação, de votar e ser votado, oriundos dos Doze Conceitos para Serviços Mundiais, da Responsabilidade e Autoridade operacional delegada pelos Grupos, livrando-os da nossa indiferença pessoal e coletiva e da nossa tirânica aversão ao serviço, que nos divorcia da gratidão e da responsabilidade com ação.

Nesse momento, talvez, vale a pena lembrar as seis garantias expressa no artigo 12 da Ata de Constituição da Conferência: 01) *“Que a Conferência nunca se torne sede de riqueza ou poder perigosos”*; 02) *“Que suficiente fundos para as operações, mais uma ampla reserva, sejam o seu prudente princípio financeiro”*; 03) *“Que nenhum dos membros da Conferência nunca seja colocado em*

posição de autoridade absoluta sobre qualquer um dos outros”; 04) *“Que todas as decisões importantes sejam tomadas através de discussão e, sempre que possível, por substancial unanimidade”;* 05) *“Que nenhuma ação da Conferência seja jamais pessoalmente punitiva ou uma incitação à controvérsia pública”;* 06) *“Que, embora a Conferência preste serviço a Alcoólicos Anônimos, ela nunca desempenhe qualquer ato de governo e que, da mesma forma que a Irmandade de Alcoólicos Anônimos a que serve, a Conferência permaneça sempre democrática em ação e espírito”.*

Como vimos, a prudência, autoridade limitada, preservação da ordem democrática e proteção contra a riqueza, o prestígio e o poder são assuntos tratados no XII Conceito, que aborda a Seis garantias da Conferência de Serviços Gerais, que nos aconselham a colocar sempre os princípios acima das personalidades como forma de manter acesa a chama da Irmandade em busca da fé, da esperança e da paz.

Qualquer acréscimo à simplicidade de nossa apresentação nos coloca em posição distinta dos demais. Tudo isso pode tornar clara a intenção de se destacar e, em outras palavras, sair do anonimato. Dar vazão, dessa forma, à nossa vaidade. São coisas que nos embriagam espiritualmente e os destroem como a ferrugem e a cal virgem.

Detalhes de nossa vida particular, como nível social, posses, nível de escolaridade, são irrelevantes ao nosso depoimento. Quando falo desses níveis, vejo como irrelevante dizer tanto que sou profissional liberal, como que sou um trabalhador braçal. Que moro na Avenida Epitácio ou na Favela do Baleado. Que sou doutor ou analfabeto. Isso porque a única coisa importante para nossa Unidade é exatamente o alcoolismo. Nada mais somos que alcoólicos. Não contribuí para a Unidade o fato de dizermos que sou alcoólico, mas sou engenheiro ou sou alcoólico porque sou favelado. Ambas atitudes não contribuem para a humildade desejável, que é consequência de nosso anonimato. Afirmar que “sou alcoólico” é uma declaração anônima, num meio exclusivo de alcoólico. Mas afirmar que sou alcoólico, mas sou engenheiro ou que sou alcoólico porque sou favelado, cria uma distinção particular que me faz um alcoólico não igual aos outros. Tal distinção inibe o anonimato. Como podemos ver *“os princípios acima das personalidade”* incluem discernimento equilíbrio entre o ser (espiritual) e o ter (material),

Desse modo, a falsa modéstia é inimiga da humildade e, por conseguinte, do anonimato. Com relação ao que temos feito em A. A.: encargos desempenhados, número de afilhados, Grupos formados. Isso traduz um desejo de reconhecimento por termos sido mais do que outros companheiros e é o que nos torna diferentes dos outros. Reflitamos que somos todos iguais na doença e o serviço é o que faz a diferença. Que o respeito mútuo é uma das qualidades preciosas de

A. A. Necessário se faz manter sempre os princípios acima das personalidades, sem esquecer, entretanto, que as personalidades não devem ser anuladas e desrespeitadas, pois Alcoólicos Anônimos é uma Irmandade cujo programa objetiva melhorar os valores individuais e comportamentais do próximo alcoólico e servidor. Aliás, o Serviço é um princípio de ação que exige sacrifício de muito tempo e dinheiro.

Os princípios acima das personalidades estão expressos, sobretudo, na nossa Primeira Tradição quando diz que: *“... Todo membro de A. A. deve conformar-se com os princípios da recuperação. Sua vida depende realmente da obediência a princípios espirituais. Se ele se afasta demais, o castigo é certo e rápido: ele adocece e morre. A princípio ele se submete porque precisa, mais depois descobre um modo de vida que realmente lhe agrada...”*

Por outro lado, a Nona Tradição acentua: *“... A menos que cada um dos membros de A. A. siga na medida das suas possibilidades os nossos Doze Passos indicados para a recuperação, ele estará quase que inapelavelmente assinando a sua própria sentença de morte. Sua embriaguez e desintegração não são penalidades impostas por pessoas com autoridade: resultam da sua desobediência pessoal aos princípios... A mesma rigorosa ameaça prevalece com relação ao Grupo propriamente dito. Não havendo uma boa aceitação das Doze Tradições de A. A., o Grupo pode também deteriorar-se e morrer. Assim sendo, nós de A. A. obedecemos a princípios espirituais, primeiramente porque é preciso e em segundo lugar por que acabamos gostando do tipo de vida que tal obediência acarreta. Grande sofrimento e grande amor são os disciplinadores de A. A.; não precisamos de quaisquer outros.”*

Encerramos aqui nossa participação com as palavras do cofundador Bill W., em sua última mensagem: *“Com o passar dos anos o A. A. deve e continuará a mudar. Não podemos nem devemos retroceder no tempo. Sem dúvida acredito firmemente que o princípio do anonimato deve permanecer como primordial e permanente medida de segurança. Enquanto aceitarmos nossa sobriedade em nosso tradicional espírito de anonimato, continuaremos recebendo as Graças de Deus. E assim, uma vez mais os saúdo nesse espírito e outra vez dou graças Ele por nossas vidas”.*

Que Deus bendiga a todos nós agora e sempre.

(Referências: ALCOÓLICOS ANÔNIMOS. Os Doze Passos e As Doze Tradições: um cofundador explica como os membros se recuperam e como a Irmandade funciona. Tradução da Junta de Serviços Gerais de Alcoólicos Anônimos (JUNAAB). 3ª. Ed. São Paulo (SP): JUNAAB, 1999. 174p. Traduzido de: Twelve Steps and Twelve Traditions. ALCOÓLICOS ANÔNIMOS. Manual de Serviços de A. A.: Refletindo as ações da Conferência de Serviços Gerais de A. A. do Brasil. 6º ed.

São Paulo (SP)? JUNAAB, 2005. 195p. ALCOÓLICOS ANÔNIMOS. Apostila do Ciclo das Tradições. Rio (RJ), Comitê de Distrito 01 – ZONA SUL, 1993. W., Bill. Doze Conceitos para Serviços Mundiais: Como foram adotadas pela Décima Segunda Conferência Anual de Serviços Gerais de Alcoólicos Anônimos de 26 de abril de 1962. 5ª. ed. São Paulo (SP): JUNAAB, 1999. 128p.)

FONTE:

**JUNAAB – Relatório Anual de Alcoólicos Anônimos do Brasil
XXXI Conferência de Serviços Gerais – São Paulo/SP – 2007
Página 137 – 138 – 139 - 140**